

PREÂMBULO

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA INFÂNCIA

Educadores afirmam de há muito - e pesquisas mais recentes comprovam - que a boa relação da criança com a leitura, a partir da alfabetização, favorece positiva e preponderantemente a inteligência e ainda as mais diversas e superiores habilidades cognitivas na adolescência. O aluno leitor demonstra vantagem intelectual, não só no reino das palavras, mas quanto à capacidade efetiva de raciocínio, de pensamento abstrato e lógico, mesmo em testes não relacionados com a literatura.

O Dr. Stuart Ritchie, psicólogo e pesquisador da Universidade de Edimburgo, aponta duas causas principais que podem ligar a relação leitura ao desenvolvimento da inteligência: "Primeiro, ler permite que as crianças pratiquem habilidades de pensamento como imaginar outras pessoas, momentos, lugares e objetos que não estão diretamente na frente delas. Essas habilidades abstratas podem ser

úteis em testes de inteligência e na performance intelectual. Segundo, ler pode levar crianças à prática da concentração e ao tipo de habilidades necessárias em situações nas quais testes de QI são feitos"

São estudos inquestionáveis que afirmam que o destaque e a ênfase na leitura resultam em melhor desenvolvimento cognitivo. Dada a plasticidade do cérebro infantil, a mente torna-se sumamente receptiva a novos estímulos, habilidades e a grande volume de adaptação. A leitura torna-se, pois, um talento e uma ferramenta a serem explorados por pais e educadores, com investimentos desde o início da infância, até mesmo antes da alfabetização e dos rituais escolares. Estimular a leitura, contar histórias para crianças são parte da magia que envolve o ser humano em correlação aos objetos e ao mundo que nos rodeiam e nos permeiam, processo de que pais, familiares e professores são coadjuvantes primordiais.

AO PÉ DA FOGUEIRA

CAUSOS DO PE. JOSÉ DUQUE

"O sumiço do dinheiro"

Numa manhãzinha, precisamente às 6 horas de uma primeira sexta-feira do mês, dia dedicado ao Coração de Jesus, como de costume Pe. José Duque havia se dirigido à Igreja Matriz de São



Tiago para celebrar o santo sacrifício. Praticamente estava ali toda a comunidade participando da missa e, em jejum. Como hábito da época, de um lado, os bancos eram reservados aos homens e os que estavam com chapéu deveriam deixá-lo ao chão perto de onde se sentavam. De outro as esposas, viúvas, moças e crianças.

Era uma manhã muito fria e no dia anterior, o vigário ficou sabendo que pessoas da comunidade levantaram falso à sua pessoa sobre um dinheiro, que fora guardado da celebração de uma festa, dizendo que o mesmo ficara com a importância, o que não era verdade. As doações e esmolas desta festa haviam sumido ou foram tiradas por outra pessoa. O vigário até procurou e não encontrou.

Com isso, os boatos chegaram aos seus ouvidos e durante a celebração, com grande eloquência e autoridade, disse aos presentes que ouvira comentários a seu respeito sobre o sumiço do dinheiro da festa. Assim, levantou o cálice e no momento da consagração disse: "Se não fui eu quem

pegou esse dinheiro a Igreja irá estremecer, senão tudo ficará tranquilo!" No momento do levantar-se do cálice e da patena, o templo estremeceu e todos ficaram assustados. Deste modo, o sacerdote ficou livre das acusações que lhe foram feitas.

Segundo tradição oral, tempos depois, o dinheiro apareceu de baixo da porta da casa paroquial.

Marcus Santiago - Membro do IHGST

Nota:

Ver o boletim SS nº XXVI – Nov./2009, caso "Que caia um raio aqui e agora" de conteúdo ou versão similar.

"Em Santa Rita não nascerá vocações durante 100 anos"

Segundo a tradição oral, lá pela década de 20, Padre José Duque ao passar por Ritópolis, não fora bem recebido em sua terra natal ou desentendeu-se com alguém da localidade. Com isso, disse veemente que, durante 100 anos contados a partir do seu nascimento (1868), que não nasceria nenhum cidadão com vocação religiosa para ser "Padre", sobretudo na sua família.

E o fato realmente aconteceu. O primeiro padre a nascer, nas terras de Santa Rita, após o centenário da fala do vigário, foi em 1968. E o curioso foi um de seus parentes, hoje Padre Nélio Antônio dos Santos.

Segundo escritos da historiadora Sílvia Maria Siqueira, são mais de dez padres na família Siqueira que trabalharam na região de São João del-Rei e Mariana, a maioria já falecidos.

Depoimento dado pelo Padre Nélio, pároco da Paróquia de Ritópolis, membro da Família Freire Siqueira, sacerdote há 20 anos.



*Marcus Santiago
Membro do IHGST*

ADIVINHAS

O que é o que é?

1-Eu, nu, não danço. Me vestem para dançar; Mas me arrancam a camisa para me ver brincar.

2-Minha cara, às vezes é bola de prata, às vezes é uma foice, às vezes é como um bote, às vezes é como um gancho.

3-São três irmãos: o primeiro já morreu, o segundo vive conosco e o terceiro ainda não nasceu.

Respostas.: 1- O pílo; 2- a lua; 3- o passado, o presente e o futuro

Provérbios e Adágios

- De boas ceias estão as sepulturas cheias
- Muita prosa, poucos haveres
- Formiga, quando quer se perder, cria asas
- Frei Tomás, faze o que pregador diz, não faças o que ele faz.

Para refletir:

Um sonho que não se interpreta é como uma carta que não se lê (*Talmude*)

O homem deverá empenhar seus esforços e energias em buscar a si mesmo. Saberá prevenir-se contra o engano das aparências para conhecer-se tal como realidade é. Encontrar-se na humildade de seu coração, na inocência de sua alma, na pureza de seu espírito e daí, com a mente limpa e resplandecente, experimentará as excelências inefáveis da vida superior. (*González Pecotche*)

A natureza não faz milagres; faz revelações (*Carlos Drummond de Andrade*)

Não se pode parar o tempo nem impedir que ele passe. A única coisa que podemos fazer é viver (*Carlos Drummond de Andrade*)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Renata Aparecida de Paula Serpa

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG

CEP: 36.350-000 – telefone: (32) 3376-1107

Falar com Renata Aparecida de Paula Serpa

GABRIEL MENDES DOS SANTOS

(Matéria publicada em nosso boletim nº LXXXII, JULHO/2014)

Encontramos no livro “Memórias do Antigo Arraial de Nossa Senhora da Penha de França da Lage – atual cidade de Resende Costa – desde os proêmios de sua existência até os dias atuais”, autoria de José Maria da Conceição Chaves, Resende Costa, AMIRCO, 2014, págs. 208/209 a seguinte informação:

“Foi o Coronel Francisco Pinto, casado primeiramente com Dona Sinhorinha Cândida de Resende – sobrinha neta do Conselheiro Rezende Costa – que lhe deixou sete filhos, tendo convolado novas núpcias com Dona Francisca de Paula Almeida Santos – irmã do grande juriconsulto e senador do Império doutor Gabriel Mendes dos Santos – da qual lhe nasceram quatro filhos, inclusive o Coronel Francisco Mendes de Resende, primeiro presidente da Câmara e primeiro prefeito do Município de Resende Costa”

Fica aqui registrada a informação.

Incivilidade

Ao ensejo das últimas eleições realizadas no País, foram detectados, lamentavelmente, fatos que ferem os foros da civilidade e que são frutos de primarismo e intolerância – algo que se pensava ultrapassado.

Agressões, veleidades, radicalismos, preconceitos, arrogância, em especial nas redes sociais, nas ruas e mesmo nos debates entre postulantes, contextos que em nada ajudam a democracia, os bons princípios de civilidade e a construção de uma Nação próspera, pluralista, vigorosa como todos almejamos.

O cidadão tem pleno e total direito de opinião, de manifestação, porém de forma ordeira, pacífica e assim deve – e tem que ser respeitado.

Não se justifica, contudo, abusos cometidos por parte de alguns partidários. Promoveram fogueiros ostensivos e agressivos sobre residências de pretensos adversários, levando pânico a crianças e vizinhos. Inaceitável, reprovável sob todos os aspectos!

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



IHG DE SÃO TIAGO REALIZA II SARAU

No último dia 29, no espaço Forno da Praça, o Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago (IHGST), em parceria com o FOCEST, realizou seu II Sarau. O primeiro foi um grande sucesso e o segundo mais ainda. Dentre as recitações de poemas e poesias, pessoas da comunidade foram homenageadas e um dos temas do evento foi o antigo -, “Grupo Escolar Afonso Pena” -, que rememorou nos presentes os bons tempos no educandário, quando na saudação à bandeira e nos cânticos no pátio junto às professoras.

A ex-professora Nilda Reis relembra de tudo e conta como era. “Numa época havia o instante cívico onde eram realizadas, além da saudação à Bandeira, o Hino Nacional, as canções escolares antes da entrada para a sala de aula. Era um momento vivido com grande entusiasmo e alegria por todos ali no pátio da Escola. Ao final do ano, cantávamos a canção do “Adeus” e muitas crianças choravam, por não querer deixar a Escola no período de férias. Tenho muitas saudades daquele tempo”, relembra dona Nilda.

Iara Romeiro Santiago, participante do Sarau relata as emoções que viveu nos tempos de escola. “Eu revivi com essas canções o tempo de Escola, o momento em que todos nós ali no pátio prestávamos homenagens à Bandeira, ao Brasil. Nós tínhamos um civismo que realmente foi despertado nesses momentos com esses cantos. As músicas das árvores, do adeus, dos livrinhos, embora não fossem cívicas, estávamos ali reunidos em torno de um ideal maior, que era gostar do país, da escola, dos outros. Foi maravilhoso este momento que o Instituto nos proporcionou. Quero estar presente nos próximos”, comenta Iara.

Agda Ferreira, que participou do evento pela primeira vez, falou da sua alegria em reviver momentos especiais como este. “É a primeira vez que estou participando do Sarau, promovido pelo Instituto e gostaria muito de parabenizar os organizadores, porque foi algo relevante para nossa querida São Tiago o tema do evento. Relembrar e resgatar a história da nossa Escola Afonso Pena Júnior, homenagear grandes professores que contribuíram com nossa sociedade; valorizar e reafirmar a cultura da Banda Lira Imaculada Conceição através de seus maestros foi algo singular”, registra Agda.

Cairu, administradora do Memorial Santiaguense, membro do IHGST e uma das coordenadoras do evento, comenta sobre as homenagens especiais que são feitas às pessoas da comunidade durante o evento. “As homenagens feitas durante o Sarau é um tributo de gratidão aos que vieram antes de nós, professores, políticos, lideranças comunitárias, comerciantes. Pessoas que tudo fizeram pela nossa comunidade para que tivéssemos essa vida feliz em nossa São Tiago. Portanto, penso que este objetivo do Sarau em homenagear pessoas que fizeram a nossa história é mais que merecido, porque a história é feita a cada dia com o trabalho de cada um, toda pessoa é importante. Mas aproveitamos este momento do Sarau para destacar lideranças, mas sem nunca nos esquecer de que todas as pessoas são importantes”, ressalta a coordenadora.

Marcus Santiago - Membro do IHGST



GINÁSIO E COLÉGIO NORMAL SANTIAGUENSE

O antigo Ginásio Santiaguense, (1) instituição de ensino comunitária, ligada à CNEC-Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (2), funcionou em São Tiago, a partir da década de 1950 (formalmente suas atividades iniciaram-se em 1958, embora desde 1952 ocorressem, sob coordenação da Paróquia local, as primeiras iniciativas, incluindo os cursos preparatórios de Admissão, uma espécie de vestibular, então obrigatório para quem, após terminar o ensino primário, hoje 5ª série e desejasse(m) cursar o ginásio, atualmente da 6ª a 9ª séries do ensino fundamental) Em 1964, com a implantação do 2º Grau, curso de magistério (formação de professores), passou a denominar-se Colégio Normal Santiaguense e ainda posteriormente Escola da Comunidade Santiaguense.

O Ginásio foi, indubitavelmente, uma iniciativa pioneira da comunidade, sob liderança do laborioso pároco Mons. Francisco Elói (1915 – 2003), no sentido de propiciar o ensino chamado então de ginásial aos jovens locais e ainda o aprimoramento da cultura e o desenvolvimento de recursos humano-sociais de nosso meio. Até aquela época, a juventude tinha que se contentar apenas com o ensino primário (correspondente, na nomenclatura atual da 1ª à 5ª séries) ministrado pelo Grupo Escolar “Afonso Pena Júnior”. Poucas famílias dispunham de recursos financeiros e logísticos (algumas delas dispunham fartamente até, mas não tinham mentalidade e alcance cultural) para educar seus filhos em outros centros. (3)

O Ginásio surgiu, inicial e embrionariamente, ligado à Paróquia de São Tiago, filiando-se posteriormente à CNEC, instituição esta de caráter nacional e que tinha como doutrina, revolucionária e ousada, a disseminação da educação pela via comunitária. (4) Dentro dessa proposta, caberia aos pais e responsáveis pelos alunos (reunidos sob denominação de Setor Local) a administração financeira e operacional da escola, incluindo a arregimentação e contratação de professores, pessoal técnico, equipamentos, material didático etc. Um movimento genial, prático e aparentemente utópico: professores e funcionários voluntários ou simbolicamente remunerados (aposentados, profissionais liberais, religiosos que doariam seu conhecimento e suas horas vagas à missão de edu-

car); prédios públicos, galpões de fábricas e imóveis ociosos da comunidade para ministrar aulas; algum apoio da prefeitura e empresas – estava solucionado, na visão do Prof. Felipe Tiago Gomes, fundador da CNEC, o problema da educação de massa no Brasil, seja nas pequenas e isoladas cidades interioranas, das favelas e bairros pobres e populosos dos grandes centros...Tão engenhosa ideia trouxe inegáveis benefícios à coletividade pátria, (o Estado, via de regra, fornecia, à época, apenas a educação primária), permitindo a milhões de brasileiros o acesso à educação formal, à continuidade de seus estudos, ao mercado de trabalho e ao exercício maior da cidadania.

Não bastava constituir o educandário. Existiam, porém, custos administrativos: material de expediente e de limpeza, energia elétrica, acervo didático, montagem de biblioteca e laboratório escolar, locomoção de professores (alguns residiam em cidades próximas, havendo despesas de viagens, hospedagem, alguma remuneração/bonificação, etc.) Enfim, por mais e maior a boa vontade, espírito de abnegação e dedicação, havia despesas e que teriam que ser rateadas entre os pais dos alunos. Via de regra, a diretoria composta por pais, o denominado Setor Local da CNEC, elaborava uma planilha semestral ou anual de custos, rateando-os mensal ou periodicamente entre os pais, fazendo um caixa ou fundo para a cobertura das despesas essenciais e mesmo emergenciais. Alguns pais atrasavam suas contribuições; outros, sequer, tinham condições mínimas para o rateio ou não se esforçavam para isso, o que gerava constante déficit na contabilidade da escola e atenuava a vida dos diretores responsáveis, pois havia compromissos financeiros inadiáveis. Promessas de repasses (subvenções) por órgãos públicos eram, por sua vez, inconfiáveis.

Acrescente-se o fato de que o conceito de uma escola com professores voluntários ou de tempo livre esbarrou na própria legislação do País que exigia profissionais qualificados, com formação pedagógica e técnica superior, para tanto remunerados dentro dos padrões estabelecidos pelos acordos e dissídios sindicais e devidamente homologados pelo Ministério do Trabalho. Ainda assim os



professores e funcionários da CNEC, não só em São Tiago, mas em todo o País foram muito prejudicados, recebendo aquém de direito, e quando da rescisão do contrato de trabalho perceberam que não tinham fundo de garantia (a CNEC, por esdrúxula benesse oficial, era isenta de recolher o FGTS). Assim, muitos, após 20, 30 anos de serviços saíram com as mãos abanando... E ainda rotulados por alguns, dentro da mísera mentalidade cultural, inclusive em nosso meio, como “bem remunerados”, “exploradores do povo”, “privilegiados”, etc.

Dessa forma, ao final do ano de 1959, o Setor Local à época presidido pelo Sr. José Geraldo da Silva (Zé Sales), viu-se em sérias dificuldades financeiras, com várias contas a descoberto, cobradores impacientes à porta. Situação constrangedora. Cobranças verbais ou através de correspondências foram encaminhadas aos pais inadimplentes, com pouco ou nenhum resultado. Contatos e pedidos de subvenção feitos à Prefeitura e Estado foram igualmente infrutíferos. Assembleias gerais dos associados (pais) foram regularmente convocadas, não se conseguindo o quórum regimental previsto nos estatutos. Como corra o assunto de que o Setor Local estava em dificuldades, os pais, em particular os devedores, deliberadamente não compareciam, cientes da cobrança e da conta a lhes cair no bolso. Havia e há, ademais, o mau costume de se empurrar o assunto para a diretoria ou terceiros. “Eles (dirigentes) que se virassem...”, ouvia-se dizer.

Maurício Jéfferson Pinto, uma das expressivas lideranças do educandário, e que ocupava aqui o cargo de Exator Fiscal Federal, teve, então, uma luminosa e astuta ideia. Uma estratégia para atrair os pais à reunião. Divulgou amplamente pela cidade, e em especial aos pais, que chegara uma “gorda” verba do Governo Federal destinada à manutenção do ginásio, cabendo aos pais, em assembleia, deliberarem sobre a aplicação e destinação da dotação. E o pai que não comparecesse, não teria direito à sua quota de participação. Marcou-se, para tanto, uma assembleia geral, tendo-se o cuidado e o devido sigilo em se contratar quatro ou cinco troncados “ajudantes” para o dia da reunião.

Na data aprazada, o Salão Paroquial sito no Ed. São José, encheu. Cadeiras insuficientes para tantos pais e quantos curiosos, ávidos para “porem a mão” no dinheiro recém chegado do governo. Ao abrir a sessão, a mesa diretora tomou algumas providências estratégicas. Fez adentrar e acomodar todos os presentes, determinando, a seguir, o fechamento de todas as portas, de forma a inibir a eventual fuga dos participantes. Contou-se, para tanto, com “os ajudantes”, na verdade uns cinco homens parrudos (Vavá, Lobo Preto, Tião da Loura, Tião Dimas, etc.), os quais, postados às saídas, inclusive as laterais, até os basculantes, vedaram qualquer possibilidade de escape. Temendo-se tumultos, a própria Polícia Militar posicionou-se nas redondezas do edifício.

Passou-se, daí à pauta: Zé Sales e Maurício foram categóricos. Estavam ali reunidos para solucionar o problema da dívida da instituição daquele exercício. Alguém, de pronto, na plateia inquiriu sobre o “dinheiro” vindo do governo, ao que Maurício esclareceu ser aquele tão somente um ardil, uma forma de se atrair os pais até o local, posto que todas as tentativas anteriores (cobranças e contatos) resultaram em fracasso. Exibindo gráficos e relatórios, Maurício, com a colaboração dos demais diretores pode expor, ainda que sob duros protestos, a real situação financeira do educandário, conseguindo, a duras penas e exaustivas discussões, a anuência e compromisso firmado pelos pais no rateio e cobertura de seus compromissos.

NOTAS

(1)O Ginásio Santiaguense foi instalado oficialmente no dia 05/03/1958 e sua aula inaugural ocorreu no dia 10/03/58. As primeiras inspeções foram procedidas pelo sr. Dr. Altivo de Lemos Sette Câmara, inspetor federal de ensino, em 21/03 e 29/03/58. Para a consecução do educandário, Mons. Elói desenvolveu intensa movimentação e mobilização não só na comunidade, mas juntamente a altas autoridades do País, incluindo audiências com o Ministro da Educação, dr. Clóvis Salgado e com o Dr. Carlos Luz, mineiro de Três Pontas então presidente em exercício da República (1955)

O primeiro Grêmio Literário do Ginásio foi fundado em 24/04/59.

(2)A CNEC foi fundada em Recife, em 29/07/1943, por estudantes universitários pernambucanos, tendo à frente o universitário paraibano Felipe Tiago Gomes (Picuí, PB 01/05/1921 – Brasília-DF 21/09/1996) Teve a denominação inicial de Campanha do Ginasiano Pobre e surgiu com o objetivo de levar o ensino (então um privilégio de poucos) gratuito ou a baixo custo a jovens carentes e às camadas excluídas da população, de maior vulnerabilidade social. A primeira unidade instalada foi o Ginásio Castro Alves, justa homenagem a um dos baluartes da liberdade e um dos maiores vultos das letras brasileiras.

Felipe Tiago Gomes baseou o seu projeto a partir das ideias de Haya de La Torre, um famoso político peruano que desenvolvera movimento semelhante de educação de massa e de índios no Peru. À medida que o movimento se expandia pelo País, a instituição foi rebatizada para Campanha Nacional de Educandários Gratuitos e posteriormente (seu nome atual) para Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, pois a benemérita Instituição educacional ainda funciona em muitas regiões do País, incluindo faculdades.

A CNEC chegou a possuir 2.000 unidades, do 1º ao 3º Grau, no País, atendendo a comunidades onde o Estado faz-se inoperante, sendo assim um modelo de educação alternativa, uma 3ª via entre os sistemas de ensino público e privado e reconhecido, ainda hoje, como o mais expressivo movimento de educação comunitária existente na América Latina.

(3)Inúmeras famílias mudaram-se de São Tiago, ao longo do tempo, em especial buscando melhores condições de estudos para seus filhos. Tanto assim que vários filhos de nossa terra e saídos daqui crianças ocuparam altos cargos na administração pública e privada do País (famílias Viegas, Ferreira de Carvalho, Andrade Reis, Navarro, Melo, Rodrigues de Souza, etc.)

As famílias locais que não se mudaram e que conseguiram estudar seus filhos utilizavam-se geralmente de educandários tradicionais da região, como o Ginásio Santo Antonio (S.João del-Rei), Colégio São Luiz (Conceição da Barra – nele, por exemplo, estudaram os irmãos José e João Gaudêncio, médicos), Gammon (Lavras) ou ainda os seminários católicos.

Um aspecto curioso: muitos latifundiários de renome, donos de considerável patrimônio, não tinham/tiveram a preocupação de estudar os filhos. A mentalidade era comprar terras e mais terras, alguns às vezes de forma espoliativa, prejudicando vizinhos e pessoas em necessidades, julgando, com isso, lastrear e garantir “o futuro” dos descendentes. Uma mentalidade tipicamente medieval, pois na Idade Média, em que não havia indústrias, bancos, o único bem patrimonial eram terras. Um ditado dos grandes latifundiários era: “terra enquanto haja vista”, adaptando o grito dos marinheiros “terra à vista!” ao aproximarem-se de alguma área continental. Outro ditado: “cerca do vizinho quanto mais longe, melhor”

(4)A CNEC, como sistema de ensino comunitário, atuou em São Tiago até meados de 1986, quando teve suas atividades definitivamente encerradas e de forma estranha, senão violenta. Com a desculpa “política” de que o Estado só manteria suas escolas de 1º e 2º graus, desde que não houvesse nenhuma outra escola “particular” na localidade, seja comunitária, confessional, privada, forçou-se assim o fechamento, sob coordenação da prefeitura, da escola cenequista. Lamentavelmente com truculência, reprisando tristes fatos da história local do passado. Uma volta ao tempo dos “jagunços” e “canjerês”. Muitos professores e funcionários da CNEC local e que a serviram e à comunidade, durante décadas (alguns com mais de 20 anos) e com salários simbólicos, no encerramento da instituição, foram humilhados, inclusive com foguetórios sobre suas casas e alguns agredidos física e verbalmente e tratados como “inimigos”, seus nomes expostos e achincalhados junto à população. Embora simples professores (portanto empregados), sem participar de nenhuma decisão administrativa, foram praticamente linchados e expostos com todo estardalhaço, à opinião pública como os que estavam “impedindo” a gratuidade do ensino na cidade. Na visão da intolerante administração municipal da época eram “adversários” “inimigos” e como tal deveriam “tratados no porrete” (sic). Uma forma ainda de intimidar os funcionários quanto aos seus direitos trabalhistas, no que foram muito prejudicados. Saíram quase que de mãos abanando...

E houve aqueles que traumatizados, desrespeitados, optassem por abandonar a nobre profissão!

A MAGIA DOS CIRCOS

A simples menção, publicidade, um cartaz colado na parede da esquina, alvoroçava a todos, toda a pequena cidade. Memorável era a chegada do circo. Instantes indelévels para a criançada e mesmo para toda a população de tão esquecidos e monótonos arrabaldes interioranos. Desfilavam tantos figurinos pelas ruas, com toda a sua trupe e com toda a pompa. Verdadeiros conquistadores pela graciosidade, pelo riso, pelo pitoresco. Leões em suas jaulas; palhaços engraçadíssimos, desengonçados, à frente do cortejo, dando suas piruetas e cambalhotas; logo atrás, os pernas de pau, altura de uns três metros, com seus passos gigantescos, parecendo engolir casas e pessoas; o mágico com a sua misteriosa cartola; o domador e seu longo chicote; as moças com suas saias justas, brilhantes, alternando e ritmando bastões de uma mão para a outra; dançarinas de maiô sobre cavalos, o que escandalizava as pessoas mais conservadoras; um anão cuja feiura espantava, ao lado de dois macacos treinados. Gente curiosa, de esguelha, pelas frestas das janelas. E as crianças, em êxtase, a acompanharem os saltimbancos, palhaços, acrobatas e por vezes, pequena e barulhenta fanfarra anunciando o espetáculo pelas esburacadas vielas.

Momentos mágicos, a presença do circo. Sua montagem era outra festa. Pessoal estranho, roupas coloridas, soltas, à pirata: estrutura instalada aos poucos, (tendas, picadeiro, arquibancadas, jaulas de animais, carroções), desde o primeiro momento, sob os olhares de curiosos e principalmente da gárrula gurizada; a seguir, mastro no centro do picadeiro, ao qual se içava uma bandeira, qual vela trepidante, galeão conquistador que adentrara enseadas e sacadas, sobrepondo-se a toda a cidadela.

E no primeiro espetáculo, domingo festivo, enche-se totalmente o recinto, saciando-se a curiosidade dos moradores. Gente de todas as adjacências e cafundós, ali apinhada, seduzida pelas novidades, pirotecnias, cenografias, brilhos do circo. Arquiban-

cadadas de madeira e os espectadores faziam-se acompanhar de um pacote de amendoim torrado, de um algodão doce, de uma paçoca ou saquinho de pipoca, comprados ali na porta. Tempos de magia, emoção. Para muitos jovens, os primeiros olhares, namoricos, enlevos de corações, imantação, despertar de amores... E a temporada de espetáculos se sucede, por dias, até semanas, atraindo mais público, comentários os mais variados pelas praças, lares, bares... As impressões inesquecíveis: o globo da morte, a pantomina de mulheres que eram "serradas" ao meio, em plena arena, provocando pavor em muitos; a "ponte humana", carteiras que, magicamente, desapareciam dos bolsos dos espectadores; homens e mulheres na plateia ao verem-se surpreendidos "botando" ovos, sob a hilaridade dos presentes...

Deslumbravam-se todos ante os trapezistas, mágicos, bailarinas, equilibristas, funâmbulos, homens e mulheres que desafiavam o espaço e a altura, a deslocarem-se sobre um fio de arame ou lançando-se em trapézios e marombas ao alto, acima da rede, sob o som de trompetes, tubas, rugidos de leões, e os olhares - esgares enfeitiçados da plateia. Os números com animais eram de um embevecimento ímpar, envolvendo leões, cavalos, macacos, cães, coelhos...

Malabaristas movimentando, ao mesmo tempo, bolas, arcos, malabares. Equilibristas com seus shows, girando pratos em cima de hastes. Pratos e mais pratos eram acrescentados, passando a rodopiar sobre as hastes, aumentando a tensão junto ao público, o qual forçosamente passava a fazer parte do espetáculo. O perigo iminente do primeiro prato, que perde força, cambaleia e pode espatifar-se no chão, a qualquer momento. Os demais pratos, igualmente, perdem impulso, oscilam a velocidade e vê-se a frenética motivação do artista, misturando agilidade e emoção, buscando (re)impulsionar os pratos, para que nenhum caia e se quebre. Assim a vida, quem sabe: o ser humano, de forma por vezes aparvalhada, a girar excitadamente os pratos da existência (pessoal, familiar, profissional, a saúde corporal e mental), preocupado com a performance e a avaliação da plateia, e se estressar, esquecer-se de si mesmo.

Eis que, um dia, os cabos são relaxados, soltos. Retiram-se os calços das lonas; mastro central, arriado; ferramentas, roupas recolhidas. Tudo acondicionado, a seguir, em carroções e carretas que se deslocam, tardo lance, a esculpirem fundos sulcos pelo leito das ruas, desde o antigo picadeiro até a saída da cidade sob o triste olhar da meninada. O desmonte de um circo era, por sua vez, motivo de preocupação para os pais e autoridades, pois dizia-se que crianças eram roubadas. Não raro, roubados eram corações, pois, durante a estadia, instalavam-se romances, galanteios entre membros do circo e moradoras da cidade, muitas delas literalmente iludidas...



FOTOS INTERNETE/ DIVULGAÇÃO

O AVIÃO QUE ATERRISSOU EM SÃO TIAGO

A população local, naquela manhã de junho de 1950, viu-se sobressaltada, senão alarmada quando da aterrissagem forçada de um avião na periferia da cidade, mais precisamente no local “Várzea” ou “Sapecá”, antiga saída rodoviária para Oliveira e hoje parte do bairro Barro Preto. Pessoas próximas ao local, bem como moradores da zona urbana perceberam o aparelho em turbulências ainda no ar, em ziguezagues, um barulho incomum, até seu arremesso sobre a estrada de terra, atingindo ainda trechos de um pasto, então de propriedade do Sr. José Agenor.⁽¹⁾

Nenhum registro, seja jornalístico, policial, ficou do fato. Contactos feitos, junto à Polícia Militar e Aeronáutica, a esse respeito, foram inúteis. Sabe-se que o avião retornava de Belo Horizonte com destino a São Paulo, quando sofreu uma séria pane, na altura de nossa cidade, sendo o piloto forçado a uma aterrissagem, utilizando-se, para tal, de toda a perícia e... sorte. Após a descida, que danificou bastante o aparelho, asas e hélices partidas, o piloto, sem maiores ferimentos, embora o susto, foi assistido por moradores e autoridades.

Avião monomotor (“teco teco”) e há até quem afirme que seria um bimotor modelo Lodestar. Especulações, pois afinal já se passaram praticamente 65 anos ...

Ficou hospedado na Pensão Campos, de propriedade do Sr. Corinto Campos, enquanto se restabelecia e fazia os devidos contatos com o proprietário do avião na Capital paulista. Segundo informações do piloto, à época, registradas pela oralidade local, o aparelho pertenceria ao famoso político paulista Adhemar de Barros,⁽²⁾ então governador de São Paulo e teria conduzido, na véspera, correligionários ou assessores a Belo Horizonte para a preparação de um evento político na Capital mineira, percurso que correu normalmente. Já no retorno a São Paulo, sem os passageiros, viria o aparelho a sofrer uma avaria, por sorte o dia claro, justamente na altura de São Tiago.

Sabe-se que o avião acabou desmontado e dessa forma levado para São Paulo em um caminhão de propriedade do Sr. José Masceninha, aqui fretado e tendo como motorista o Sr. José Caputo.

NOTAS

(1) As presentes informações nos foram repassadas em particular pelo Sr. Avelino Santiago (DN 05/08/1943), empresário local (Hotel Minas Gerais), a quem muito agradecemos. Segundo o informante, ele contava, então, com a idade de 7 anos, tendo comparecido toda a população. O terreno do Sr. José Agenor, onde o aparelho se chocou com as cercas, estava à época alugado ao pai do Sr. Avelino (hoje, a grosso modo, onde se acham o “Matadouro” e a Indústria de Biscoitos do Sr. Ronaldo Lara).

(2) Adhemar Pereira de Barros (Piracicaba-SP 22/04/1901 - Paris 12/03/1969). Aviador, médico, empresário, influente político brasileiro, foi deputado estadual paulista entre 1934 e 1937; governador de São Paulo (1947-1950); prefeito de São Paulo (1957-1961). Foi candidato à presidência da República nas eleições de 1955 e 1960 pelo PSP-Partido Social Progressista. Novamente governador de São Paulo entre 1963 e 1966. Tido como populista e até corrupto, deixou um slogan famoso “Rouba, mas faz”, tendo como “discípulos” outros tantos políticos brasileiros, inclusive em Minas Gerais, os conhecidos “quinzinhos”, “quarentinhas” e agora os “bilhõesinhos”, dentre graúdos e anônimos que fizeram e fazem fortuna às custas do superfaturamento de obras, de comissões “por fora”, de propinas, de “contratos de assessoria e consultoria” etc.

Uma curiosidade

Por volta de 1970, certa jovem do sul de Minas (então namorada de conterrâneo nosso, e com quem viria a se consorciar) adentrara uma cabine telefônica na cidade de Varginha, a fim de dar um telefonema interurbano, porquanto naqueles tempos não havia celular. Várias pessoas ali igualmente utilizando as cabines e que, por vezes, tinham que falar mais alto, dada a precariedade do sistema.

A jovem, ao longo do telefonema, mencionara por duas ou três vezes, a palavra “São Tiago” devidamente captadas pelos usuários mais próximos. Ao sair da cabine, dela se aproximou um senhor grisalho, gentil, perguntando-lhe se ela era de São Tiago. Respondeu ela: - Meu namorado é de lá. O estranho, para espanto da jovem, esclareceu: - Conheço São Tiago. Fui piloto e descí lá de avião há cerca de vinte anos atrás. Julgou a jovem estar diante de celerado ou de algum equivocado, pois desconhecia ela totalmente o assunto. Na verdade, achava-se ela, sem o saber, diante do piloto que, um dia, por ares ou azares do destino, vira-se forçado a aterrissar seu avião em nosso meio.



A PONTE

O mês de Janeiro, naqueles idos de 1920, tornara-se estranhamente revoltado, transtornado, algo, até então jamais observado. Estação indômita, terra encharcada – de minar água à farta – após semanas e semanas de chuvas torrenciais, intermitentes aguaceiros. Trilhas de gado, estradas de cavaleiros interdidas pela grossa lama e pelos troncos de árvores caídos às dezenas, ali lançados pela frenética, esganiçada ventania.

Riachos e rios roncavam, estrepitosos, engasgados ante os gorgolhões e dilúvios de água neles despejados, dias e noites, pelas enxurradas e aguaceiros vindos do alto. Indigestos, indignados, regurgitavam pelas várzeas o excesso de tanto líquido. Chuva, enfim, a cântaros. Alimárias, gado, carros de bois, carroças, homens todos imobilizados. Braços cruzados, ferramentas inúteis sob as cumeeiras das encharcadas casas. Difícil até manter o fogo aceso no fogão, que a lenha, mesmo seca, lacrimejava. Nada a considerar, senão ruminar, persignar-se, olhar o tempo. Lavouras se perdendo. Engenhos, com suas almanjarras e alguidares aquietados, inativos. Fogo morto nas fornalhas. Não havia como se fazer praticamente nada, a não ser assuntar o céu borrascoso. Orar, praguejar, calar-se...

Ali na Fazenda Curralinho, próxima ao Ribeirão dos Paulas, o proprietário balançava a cabeça entre a fé e a desesperança. Dias após dias, só água. Velas e mais velas acesas, orações, cantilenas, terços debulhados, promessas, feitas pelos moradores, puxadas principalmente pelas mulheres. Para piorar a já dramática situação, a única ponte de tabuado grosso, que dava acesso à fazenda, fora levada pelas torrentes do ribeirão rebelado. Agora, sim, totalmente isolados. Seria loucura atravessar o rio a nado, raivoso, traiçoeiro como ele se portava. Ainda mais que ele se esticava e engordara rapidamente, cerca de uns vinte, trinta metros de largura, alagando terras e pastagens, apoderando-se, cada vez mais, das vastas margens, carregando tudo que lhe caía no apavorante leito. E como estava fundo, em redemoinhos e torvelinhos de fazer medo...

E sucuris tinham sido vistas pelas adjacências.

- Graças a Deus, paiol está cheio! Dá para passar uns tempos, que espero não se dilatam tanto..., cismava o fazendeiro. Preocupava-o deveras a porcada gorda no chiqueiro já vendida, gastando trato e sem ter como o turco, açougueiro na Lage, vir buscá-la.

Questão de aguardar. Uma viva alma, o entono de um estranho, a chegada de um visitante ou viajante ali não se ouviam há tempos.

- Acredito que há umas quatro, cinco semanas não aparece nem assombração, continuava banzando o sorumbático homem, da frente do alpendre, o pito aceso, enquanto a água despejava ali, por todas as telhas e gárgulas, sua inclemência.

Eis que, certa noite, horas altas, um surdo estrépito vindo do curral faz acordar o fazendeiro. Chovia copiosamente, como de sempre. Inicialmente o alvoroço dos cães da fazenda, acompanhado pelo zurrado de um animal, vozes de gente, chamados. – Impossível, deduz o dono. – Só pode ser alucinação, fantasmas... Busca acordar-se de todo. Esfrega os olhos, apura os ouvidos.

Como os gritos prosseguiram, sorratamente dirige-se até a uma janela lateral e pelo coruscar dos relâmpagos, observa a silhueta de um cavaleiro em meio ao lamacento cur-

ral. Tomado de coragem, entreabre a janela e responde aos apelos do notívago, imprevisto visitante que se identifica como boiadeiro dos lados de Desterro, ou melhor Capela Nova, como era melhor mencionada a cidade e que se achava perdido, há horas e horas, na verdade, há cerca de dois dias, por aquelas bandas e arrabaldes. E que dando rédea ao velho e companheiro burro, em meio ao temporal, noite fechada como breu, incandescentes relâmpagos a ferirem os céus, após passar uma ponte, acabara chegando, sabe-se lá como, ao curral daquela fazenda.

- Uma história mirabolante, cisma, uma vez mais, o fazendeiro. Como chegara o andante até ali, se não existia ponte de acesso, levada há semanas pelas enlouquecidas correntezas?

Acolhe o inesperado, quiçá fantasmagórico visitante, por sinal, conhecido de nome pelo fazendeiro. Troca de roupas, repasto quente preparado pela esposa do fazendeiro, igualmente despertada ante a inusitada visita; a seguir, o leito aquecedor, até que se clareie o dia. Pela manhã, café tomado, dirigem-se ao local onde se localizava anteriormente a ponte.

O fazendeiro custa a crer no que vê. Uma gigantesca árvore de maçaranduba, arrastada pelo rio, decerto arrancada de distantes margens e paragens, se fixara e se apoiara – desde o pé até as vetustas galhadas – nos alicerces da antiga ponte, de uma forma inteiriça, de uma ponta a outra, o imenso tronco linear, dando passagem e trânsito, por demais precário, entre as duas margens.

Como pudera o burro, em meio à tétrica tempestade, o vento lamentoso, leito rumoroso do rio, atravessar tão precária e imprevisível “ponte”, conduzindo ele e o cavaleiro em segurança até a outra margem?! Melhor observando, o fazendeiro, atarantado, verificou que a árvore, decerto vítima da idade, de fogo ou de algum raio, continha um lado côncavo, abaulado e que esta, ao “encalhar” nas bases da velha ponte, se posicionara incrivelmente para cima, na horizontal, permitindo uma precária passagem e por onde o burro atravessara... Segundo a oralidade, adaptado e utilizado, por tempos, pelos moradores, até que pudessem reformar o pontilhão.

Narrativa verídica, ah sim! Acolhida pelos ouvidos atentos, cismamentos de criança...

